

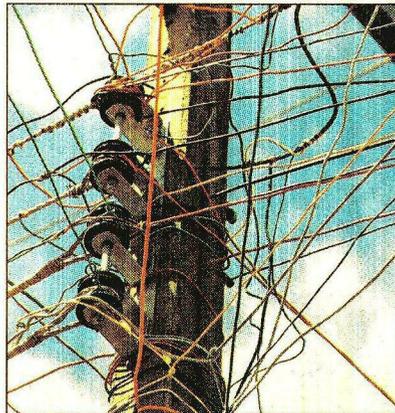
OCUPAÇÃO DE TERRAS

Alguns serviços básicos já são oferecidos à população do Itapuã. Mas o que predomina na invasão é a ilegalidade. Ainda faltam saneamento, água encanada e luz elétrica. Governo vai construir caixa d' água para melhorar abastecimento

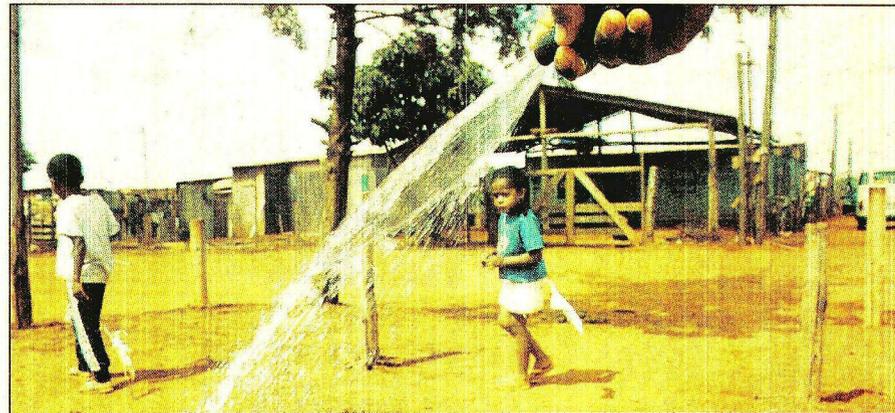
Fotos: Ricardo Borba



INVASÃO GANHOU TRÊS LINHAS REGULARES DE ÔNIBUS: PROMESSA DO GOVERNADOR



GAMBIARRA: INVASORES PAGAM ATÉ R\$ 100



A ÁGUA CHEGA GRAÇAS À PERFURAÇÃO DE POÇOS DE ATÉ 25 METROS DE PROFUNDIDADE

Comunidade nascida no improvisado

Dante Accioly

Da equipe do **Correio**

“**L**á existem seres humanos. O governo não pode fechar os olhos para isso.” A opinião do administrador regional do Paranoá, Valfredo Perfeito, é a explicação para a chegada de serviços públicos até o Condomínio Itapuã — um conglomerado de invasões que abriga 20 mil pessoas. Os ônibus começaram a rodar pelas ruas do lugar em abril, depois de um compromisso assumido pelo governador Joaquim Roriz no governo itinerante do Paranoá. São três linhas: uma liga a invasão a Paranoá, outra vai até o Lago Norte e a última se estende às vias W3 Norte e Sul.

Posto de saúde, escola, emprego, polícia. Tudo está do lado de fora de Itapuã. “A gente passa até meia hora esperando o ônibus chegar. Mas é melhor do que nada. Antes tinha que caminhar mais do que isso até o posto de saúde”, explica Marilene de Jesus, 28 anos. O preço das passagens varia entre R\$ 1 e R\$ 1,50.

Quem não gosta muito do serviço de transporte coletivo é José Bezerra de Macedo, 58 anos. Ele é motorista da linha 141.4, que liga a invasão à cidade de Paranoá. “É poeira demais, meu filho. Já que não vai asfaltar, o go-

verno podia pelo menos passar um carro-pipa para molhar essas ruas.” Para conseguir trabalhar sem espirrar, José Bezerra usa uma máscara encardida que protege boca e nariz.

Os ônibus não são a única novidade nesta cidade clandestina. O caminhão do lixo passa regularmente três vezes por semana — segunda, quarta e sábado. Os sacos plásticos brancos, azuis e amarelos se acumulam em montes espalhados ao longo da avenida Comercial. Antes do meio-dia, os garis recolhem tudo. “Político é engraçado. Pensa que engana a gente. Quero ver essa atenção toda quando a eleição passar”, reclama o motorista desempregado Onias Barreto Lima, 45 anos.

ÁGUA DE BEBER

Não falta água nas casas de Itapuã. Os poços cavados com 25 metros de profundidade são explorados por bombas elétricas, que levam a água de beber, banhar, cozinhar e lavar até tambores de metal. Quando alguém não tem dinheiro para furar um cacimbão ou comprar uma bomba, conta com a solidariedade do vizinho. A Administração do Paranoá vai instalar na invasão nos próximos dias uma caixa d' água de 40 mil litros para abreviar a trabalhadeira dos moradores. Caminhões-pipas também já fazem visitas semanais à ocupação, distribuindo água e acalmando a poeira.

Deuzine Souza Gomes, 26 anos, mora há seis meses na avenida Comercial. Desempregado há três semanas, ele passa as manhãs a tentar acalmar a poeira da rua com baldes d' água. “Mas não tem jeito. Quando a terra fica seca, o pó vermelho se revolta e entra para

dentro da casa da gente.”

Ele também usa a água do poço para beber e cozinhar. Mas tem medo da poluição. A fossa da casa vizinha fica a menos de três metros do cacimbão de Deuzine. “Sei que é perigoso a água se contaminar. Vou embora daqui. Não quero esperar a vida toda para o governo encanar a água e sanear a rua.”

Pode até faltar água encanada para os barracos, mas uma tomada de luz para ligar a televisão não é problema para os moradores da invasão. As ligações clandestinas vêm desde as rodovias que beiram a área — as DFs 001 e 250. Para comprar os fios, os invasores se reúnem em grupos de no máximo 20 pessoas para dividir o custo. Em geral são usados cabos de 10 milímetros para que a força seja suficiente depois de “repartida” entre as gambiarras de cada barraco.

Quem chega depois do serviço estar pronto, tem de pagar para quem desembolsou pelos fios. O chamado “dono da rede” cobra de R\$ 25 a R\$ 100 do lote que quiser compartilhar do roubo de energia. Um invasor identificado pelos moradores apenas como *Japão* é um dos maiores controladores da energia elétrica na região.

Segundo os moradores, ele cobra mensalidades de R\$ 10 de quem usa a rede *puxada* para a área. “Se você tiver mais de um barraco no lote, tem que pagar o dobro”, conta a gaúcha Elice Triacca, 43 anos. Ela mora com a família na avenida Comercial desde o início da invasão, há oito meses. Elice também tem um bar no terreno, o Garrafão.

COLABORARAM SHEILA MESSERSCHMIDT E RENATO ALVES.